

Guimarães Rosa leitor de Machado

Luiz Claudio Vieira de Oliveira | UFMG

Resumo: Análise comparativa dos contos “O espelho” e “O alienista”, de Machado de Assis, e “O espelho” e “Darandina”, de Guimarães Rosa, com o objetivo de indicar semelhanças e diferenças no trato do tema do duplo, do espelho, da relação entre razão e loucura, dos papéis e máscaras sociais assumidos pelo homem.

Palavras-chave: Espelho, duplo, razão, loucura.

*O espelho não porfia brilhar nem ser;
mas, por de-fim, para usação, bem tem
de relustrar-se. Direi.*

J. G. Rosa, O verbo & o logos

Nos tempos em que Guimarães Rosa frequentava o Colégio Arnaldo, em Belo Horizonte, Machado de Assis já era um clássico, gozando de prestígio nacional, como escritor de grandes méritos, fundador e presidente da Academia Brasileira de Letras. Portanto, frequentava com distinção as páginas das antologias escolares da época e havia sido incluído no cânone literário brasileiro: “Originalíssimo na invenção, timbrava outrossim na correção da linguagem”, como nos dizem Barreto e Laet (1918: 99), na oitava edição da sua

Antologia nacional. É de se esperar que Rosa o tivesse lido, assim como a Euclides da Cunha, seja nos florilégios escolares, seja por livre escolha, colhidas suas obras nas prateleiras da biblioteca pública que o aluno Guimarães Rosa tivera licença para freqüentar, de acordo com as informações de Renard Perez: “E ele entrega-se aos livros, com entusiasmo; em breve, vamos encontrá-lo a pedir licença para freqüentar a biblioteca da cidade.” (Perez, 1968: 25, 28)

Leitor voraz, seguramente leu, além dos romances, dois dos contos de Machado: “O espelho” e “O alienista”, ambos publicados em *Papéis avulsos* e abordando dois temas caros a Guimarães Rosa: um, a duplicação da personalidade do ser humano; outro, a relativização da loucura, ou seja, os limites entre esta e a razão. O objetivo deste texto será o de traçar um paralelo entre quatro contos, tomados dois a dois: de um lado, os já citados, de Machado de Assis; de outro, os contos “O espelho” e “Darandina”, de *Primeiras estórias*. Entre os contos homônimos, procuraremos apontar as diferenças entre as abordagens, uma vez que Machado de Assis não escapa das limitações científicas de sua época; e as semelhanças, pois os dois escritores têm uma visão bastante precisa dos papéis sociais e das imagens que o homem representa em sua relação consigo mesmo e com seus pares. Entre “O alienista” e “Darandina” será destacada, principalmente, a presença do humor como elemento corrosivo e desconstrutor do bom senso lingüístico e social. Enfim, em todos eles, nossa análise procurará mostrar como os autores leram o homem e a sociedade de suas respectivas épocas que, ao fim e ao cabo, são praticamente a mesma, se se considerar que o ser humano manteve suas características básicas como o animal social que é.

A temática do duplo não é nova na literatura: existe desde a literatura grega, como se vê no *Édipo rei* e no mito de Narciso, tendo sido apropriada pela literatura ocidental posterior, de modo especial em algumas obras como *La vida es sueño*, de Calderon de la Barca, *Dom Quixote*, de Cervantes, *O retrato de Dorian Gray*, de Oscar Wilde, *O médico e o monstro*, de R.L. Stevenson, e em vários contos de Edgard Alan Poe, como “O retrato oval” e “William Wilson”, entre outros. Esse tema está presente também nas obras que fazem referência ao mito da “donzela guerreira”, de larga tradição na literatura ibérica, reaproveitado por Guimarães Rosa para compor a figura de Diadorim, personagem de *Grande sertão: veredas*.

1. A imagem no espelho

“O espelho”, de Machado de Assis, tem uma atmosfera noturna, iluminada a velas e pela luz da lua. Cinco homens resolvem os problemas do mundo, inclusive os filosóficos e os transcendentais, na sala de uma casa do bairro de Santa Teresa, no Rio de Janeiro, um local situado entre a cidade e o céu, plano intermediário onde há mais coisas que o que sonha a nossa vã filosofia. Cansado das opiniões infundadas de seus companheiros acerca da natureza da alma, um dos participantes, o Jacobina, até então calado, resolve contar um caso de sua vida. Essa atitude aumenta a verossimilhança da narrativa, que passa a ser feita por um narrador em primeira pessoa e retrata um caso pessoal. A narrativa autobiográfica faz crescer a fidedignidade do relato e a teatraliza.

O Jacobina, com base em sua própria experiência, descobre que o ser humano tem duas almas: “Uma que olha de dentro para fora, outra que olha de fora para dentro”. (PA, 26)¹ Essa alma exterior tem uma composição vária e, além disso, é passível de mudança:

A alma exterior pode ser um espírito, um fluido, um homem, muitos homens, um objeto, uma operação. Há casos, por exemplo, em que um simples botão de camisa é a alma exterior de uma pessoa; $\frac{3}{4}$ e assim também a polca, o voltarete, um livro, uma máquina, um par de botas, uma cavatina, um tambor, etc. (...) Agora, é preciso saber que a alma exterior não é sempre a mesma... (PA, 26)

No seu processo de mudança, a alma pode ser a pátria, o poder, um chocalho ou um cavalinho de pau, para as crianças, uma provedoria de irmandade, para um adulto. Ou seja: qualquer objeto, concreto ou abstrato, que complete o ser humano ou que lhe preserve ou reafirme a integridade:

1. As citações dos textos em análise serão indicadas pela sigla da obra, seguida do número da página.

“Está claro que o ofício dessa segunda alma é transmitir a vida, como a primeira; as duas completam o homem, que é, metafisicamente falando, uma laranja.” (PA, 26). O narrador tem consciência, no momento em que narra, do processo de mudança dessa segunda alma, desde sua primeira experiência no assunto. Sabe também que o fenômeno não lhe é exclusivo, mas acontece com todos.

O que lhe sucedeu foi que, tendo sido nomeado alferes da Guarda Nacional, e suportado a inveja e o ressentimento alheios e recebido os elogios da família, ambos gratificantes e reasseguradores, vai visitar uma tia moradora em local distante. Lá, multiplicam-se os elogios, repetidos por um parente velho e ainda pelos escravos da casa. Como sinal de grande consideração, a tia colocou em seu quarto um espelho grande. Tantas distinções fizeram crescer sua alma exterior – tudo quanto dissesse respeito ao posto de alferes – diminuindo sua alma interior, sua própria humanidade. Segundo o narrador, houve o seguinte:

– O alferes eliminou o homem. Durante alguns dias as duas naturezas equilibraram-se; mas não tardou que a primitiva cedesse à outra; ficou-me uma parte mínima de humanidade. Aconteceu então que a alma exterior, que era dantes o sol, o ar, o campo, os olhos das moças, mudou de natureza, e passou a ser a cortesia e os rapapés da casa, tudo o que me falava do posto, nada do que me falava do homem. (PA, 29).

Um imprevisto faz com que a tia e o agregado ausentem-se e, aproveitando isso, os escravos fujam. Sozinho, sem os elogios constantes, sem as considerações que lhe alimentavam a alma exterior, o narrador entra em desespero, sente-se um sonâmbulo, um autômato. Só o sonho lhe repõe a imagem perdida que as pessoas haviam deixado de manifestar: “Nos sonhos, fardava-me orgulhosamente, no meio da família e dos amigos, que me elogiavam o garbo, que me chamavam alferes...” (PA, 33). A solução foi vestir a farda e colocar-se diante do espelho, que exerce sua função reaseguradora contra o temor do despedaçamento:

...o vidro reproduziu então a figura *integral*; nenhuma linha de menos, nenhum contorno diverso; era *eu mesmo*, o alferes, que achava, enfim, a alma exterior. Essa alma

ausente com a dona do sítio, *dispersa e fugida* com os escravos, ei-la *recolbida no espelho*. (PA, 35). (Grifos acrescentados)

Terminada a narrativa, antes que os ouvintes voltassem a si do espanto, o narrador tinha desaparecido, numa saída teatral que retoma o clima insólito do início do conto.

Nesse conto, configura-se uma teoria psicanalítica que, seguramente, Machado de Assis não conheceu, pelo menos na versão freudiana, desenvolvida depois por Jacques Lacan, resumida na expressão “estádio do espelho”, em que o temor do espedaçamento se dissipa pela visão da sua imagem integral no espelho ou na figura do outro. Ver essa imagem é gratificante: a criança se coloca frente ao espelho e executa gestos que lhe causam satisfação. O Jacobina, ao admirar sua imagem refletida, identifica-se com ela e com uma imagem que é valorizada socialmente: o soldado ou o herói, a posição social, etc. Essas imagens substituem o objeto de desejo primordial e se modificam continuamente. No texto machadiano, a figura integral é o sujeito “mesmo”, o alferes. A imagem, ausente, dispersa ou fugida, ou seja, espedaçada, recolhe-se e integraliza-se no espelho e nas palavras do próprio narrador que expôs à sua maneira os conceitos psicanalíticos. Segundo Lemaire,

... o estágio do espelho é o advento da subjetividade cinestésica, precedida pelo sentimento de espedaçamento do corpo próprio. O reflexo do corpo é, pois, salutar pela sua unidade e sua localização espaço-temporal. Mas o estágio do espelho é, também, o estágio de identificação narcísica alienante (identificação primária); o sujeito é mais seu duplo que ele mesmo. (Lemaire, 1979: 126).

Ao reconhecer-se na imagem do alferes, Jacobina está se tornando esse duplo alienante, em que deixa de ser “si mesmo” e passa a ser um outro: uma imagem construída que lhe é dada pela sociedade em que vive. Aceita-a e consegue suportar a solidão, a ausência do reconhecimento público, a palavra do outro: basta-lhe o espelho. Se nesse momento vive essa imagem, de forma alienada, mais tarde se conscientiza de sua “duplicidade” e, mesmo, de sua “multiplicidade” ao dizer que: “Eu mesmo tenho experimentado dessas trocas” (PA, 27), em que indica a substituição das imagens que compõem sua “alma

exterior". Sua própria narrativa mostra que conhece o processo e sua presença inevitável.

O conto "O espelho", de Guimarães Rosa, apresenta um movimento diferente. O narrador, ao perceber a multiplicidade de imagens que o compunham, amedrontadoras, repulsivas e hediondas, tenta livrar-se delas. As imagens que o narrador enxerga no espelho são tomadas como mentirosas, uma máscara que se pudesse retirar. O processo que propõe é o de "...submetê-las a um bloqueio 'visual' ou anulamento perceptivo, a suspensão de uma por uma, desde as mais rudimentares, grosseiras, ou de inferior significado. Tomei o elemento animal, para comêço". (PE, 74-5). Desde o início, o narrador propõe relatar uma experiência, de acordo com os princípios do método científico: "Saiba que eu perseguia uma realidade experimental, não uma hipótese imaginária." (PE, 75). Portanto, é de um relato que se pretende verdadeiro, e não mera fantasia, que convida seu interlocutor a participar. Como em outros textos de Guimarães Rosa, aqui também esse interlocutor é oculto, indicado apenas pelas falas do narrador e pelo travessão inicial, índice de resposta à questão anterior. Depois de ter conseguido eliminar o elemento animal, o narrador decide-se

...a tratar simultaneamente as outras componentes, contingentes e ilusivas. Assim, o elemento hereditário – as pareças com os pais e avós – que são também, nos nossos rostos, um lastro evolutivo residual. Ah, meu amigo, nem no ôvo o pinto está intacto. E, em seguida, o que se deveria ao contágio das paixões, manifestadas ou latentes, o que ressaltava das desordenadas pressões psicológicas transitórias. E, ainda, o que, em nossas caras, materializa idéias e sugestões de outrem; e os efêmeros interesses, sem seqüência nem antecedência, sem conexões nem fundura. (PE, 75-6).

Diferente do narrador machadiano, cuja imagem é jubilosa e reasseguradora, aqui a imagem no espelho é mortificante. Por isso, tudo que é externo a si mesmo vai sendo descartado. O processo de depuração leva o narrador a perceber formas cavernosas, meândricas, de aspecto labiríntico, lembrando mosaico, couve-flor ou bucho de boi. A descrição lembra ou o cérebro ou o útero. De qualquer forma, representa a redução da imagem do

narrador a uma dimensão última. Acometido por dores de cabeça, é obrigado a interromper o processo. Meses depois, ao olhar-se no espelho, não se vê: "Simplesmente lhe digo que me olhei num espelho e não me vi. Não vi nada." (PE,76). Estarrecido, diz o narrador:

E a terrível conclusão: não haveria em mim uma existência central, pessoal, autônoma? Seria eu um... des-almado? Então, o que se me fingia de um suposto **eu**, não era mais que, sobre a persistência do animal, um pouco de herança, de soltos instintos, energia passional estranha, um entrecruzar-se de influências, e tudo o mais que na permanência se indefine? (PE,77). (Grifo do autor)

A conclusão é mais profunda que a do conto machadiano. Enquanto ali se constata a duplicidade do homem, a alma interior e a alma exterior, e a substituição dessa alma exterior; aqui se verifica, de forma muito próxima da teoria psicanalítica contemporânea, que o homem é um vazio, uma hiância, cuja existência só se dá pela entrada na linguagem (no simbolismo), que então o constitui como sujeito. O final do conto, entretanto, é otimista. Após o despojamento total, a perda de identidade, um dia haverá no espelho uma luzinha, o nascimento de um novo ser, que o texto caracteriza como uma criança:

E... Sim, vi, a mim mesmo, de novo, meu rosto, um rosto; não êste, que o senhor razoavelmente me atribui. Mas o ainda-nem-rosto-quase delineado, apenas – mal emergindo, qual uma flor pelágica, de nascimento abissal... E era não mais que: rostinho de menino, de menos-que-menino, só. Só. (PE,78).

O otimismo manifestado se baseia na distinção entre corpo e alma, entre essência e aparência, pois o mundo, pergunta o narrador, é o plano "...onde se completam de fazer as almas?", num processo ascético de despojamento, visível em outros textos rosianos. Na página seguinte a "O espelho", inicia-se o conto "Nada e a nossa condição", em que o protagonista, Tio Man'Antônio, executa uma seqüência de depuração semelhante: aos poucos, desfaz-se de suas posses, de sua identidade de fazendeiro, humilha-se,

torna-se o menor dos menores. Ao morrer, sua casa de fazenda incendeia-se e ele transforma-se "...em terra, em cinza, em pó, em sombra, em nada", condição para poder ascender.

Depois do renascimento, feito a partir do mais profundo do ser, de suas regiões abissais, pelágicas, fica ainda a dúvida sobre o que seja a vida:

Se sim, a 'vida' consiste em experiência extrema e séria; sua técnica – ou pelo menos parte – exigindo o conscientemente alijamento, o despojamento, de tudo o que obstrui o crescer da alma, o que a atulha e soterra? (...) E o julgamento-problema, podendo sobrevir com a simples pergunta: – *Você chegou a existir?* (PE, 78). (Grifo do autor)

Permanece, com a pergunta final, a dúvida sobre a existência, muito mais que sobre a duplicidade do ser humano. Se somos um somatório de revivescências animais, influências e humores de toda ordem, o que afinal somos nós? Teremos chegado a existir? O narrador, sabiamente, deixa a resposta em aberto e passa a palavra ao interlocutor, preparando-se para ouvir sua versão:

Se me permite, espero, agora, sua opinião, mesma, do senhor, sobre tanto assunto. Solicito os reparos que se digne dar-me, a mim, servo do senhor, recente amigo, mas companheiro no amor da ciência, de seus transviados acertos e de seus esbarros titubeados. Sim? (PE,78).

2. A desconstrução da loucura

"O alienista" conta a história de Simão Bacamarte, o médico que, dedicando-se ao estudo da patologia cerebral, coloca quase todos os habitantes de Itaguaí em sua casa de Orates. O critério eram os defeitos e pecados de cada um: intriga, mentira, gula, ira, avareza e assim por diante. Por fim, verificando que todos lá estavam, achou que o mais certo era soltá-los. Passa então a trancafiar os honestos, modestos, verdadeiros, magnânimos, símplices. Para curá-los, usa a terapia de atacar de frente a qualidade dominante. Com isso,

conseguiu curas quase impossíveis. “Cada beleza moral ou mental era atacada no ponto em que a perfeição parecia mais sólida; e o efeito era certo.” (PA, 285). Por fim, descobre-se o alienista como o mais virtuoso dos homens e, portanto, o mais desvairado, de acordo com sua própria teoria. Por isso, tranca-se na Casa Verde e torna-se, ele próprio, objeto de seus estudos. Meses depois, morre sem ter descoberto qualquer cura.

A proposição de Machado de Assis, expressa com fina ironia nesse conto, relaciona-se com a do conto anterior. Todas as pessoas que cultivavam uma “alma exterior”, de qualquer tipo que fosse, acabaram por ser detidas na Casa Verde. Mas, em vista de existirem em grande cópia, tornaram-se a normalidade. O humor machadiano sempre trabalhou com estas inversões, associáveis à carnavalização bakhtiniana e indicadoras de um outro lado do ser humano, diferente daquele que é dado a ver, do que é construído e vivenciado socialmente. Mas se a carnavalização existe num tempo adrede reservado para isso, a inversão machadiana faz a exceção tornar-se permanente. Sua mensagem é pessimista, uma vez que os maus são maioria e, portanto, tornam-se a norma; os bons e puros, que constituíam a exceção, por serem poucos, tornam-se corruptíveis e são incorporados à “normalidade” do mal.

Guimarães Rosa, em “Darandina”, trabalha mais com o significante que com o significado. A história é a de um cidadão que, enlouquecido, sobe a uma palmeira e, lá em cima, ante os médicos de um manicômio e a multidão, recupera de súbito a razão. Até que isso ocorra, o louco alcandorado põe em xeque os limites entre a razão e a loucura. Semelhante ao conto de Machado de Assis, questiona-se o estatuto da normalidade e a fragilidade dos limites entre ela e a loucura. Indo além da proposta machadiana, o conto de Rosa expressa a desconstrução da razão por meio da desconstrução da linguagem. A inversão principia pela tentativa do homem de internar-se no Instituto, numa clara referência ao conto machadiano:

– ‘Disse que era são, mas que, vendo a humanidade já enlouquecida, e em véspera de mais tresloucar-se, inventara a decisão de se internar, voluntário: assim quando a coisa se varresse de infernal a pior, estaria já garantido ali, com lugar, tratamento e defesa, que, à maioria, cá fora, viriam a fazer falta...’ (PE, 138).

Cria ele uma universal loucura, teoria compartilhada por um professor dos médicos ali presentes, o Dr. Dartanhã: "...mesmo a nós, seus alunos, declaravamos em quarenta-por-cento casos típicos, larvados; e, ainda, dos restantes, outra boa parte, apenas de mais puxado diagnóstico..." (PE, 138).

O trabalho com o significante transparece em frases como: "Ele lá não estava desequilibrado; ao contrário." (PE, 138-9). A frase, dita a propósito da precariedade da posição do homem no alto da palmeira, caracteriza-se pela ambigüidade: ele não estava louco/ele não estava em desequilíbrio. Ao querer internar-se, usa o chiste: "de infernal a pior", em lugar do comum "de mal a pior". Outras frases, proferidas pelo homem, invertem o senso comum: "– 'Eu nunca me entendi por gente!'" e "Vocês me sabem é de mentira!". Ao lado das falas do louco, soltas no ar, os médicos, com os pés na terra, emitem diagnósticos que, de tão formais, tornam-se mais absurdos que as falas do homem na palmeira. Veja-se:

Aspecto e *facies* nada anormais, mesmo a forma e conteúdo da elocução a princípio denotando fundo mental razoável... (PE, 138).

– 'Excitação maníaca, estado demencial... Mania aguda, delirante... E o contraste não é tudo, para se acertarem os sintomas?' (PE,139).

– 'Psicose paranóide hebefrênica, *dementia praecox*, se veja claro! (...) mas transitória perturbação, a qual, a capacidade civil, em nada lhe deixará afetada... (PE, 139). (Grifos do autor)

E o excelso homem grita, mais uma vez: "Viver é impossível..." É frase de que o narrador extrai a maior verdade, como se o homem estivesse ensinando a todos. "E era um revelar em favor de todos, instruía-nos de verdadeira verdade. A nós – substâncias sêres sub-aéreos – de cujo meio êle a si mesmo se raptara." (PE,140).

Entre os médicos, não se sabe o que fazer, uma vez que o paciente está inacessível e, portanto, imedicável, inclassificável, fora do alcance da

ciência e das taxinomias. O homem, no alto da árvore, coloca-se fora da suposta lógica das palavras, da lei e do governo, sem identidade e, literalmente, sem roupas.

Pois, de repente, sem espera, enquanto o outro perorava, êle se despia. Deu-se à luz, o fato sendo, pingo por pingo. Sobre nós, sucessivos, esvoaçantes – paletó, cueca, calças – tudo a bandeiras despregadas. Retombando-lhe a camisa, por fim, panda, aérea, aeriforme, alva. (...) Era, no levantar os olhos, e o desrespeitável público assistia – a êle *in puris naturalibus*. (PE,145). (Grifo do autor)

Os arrazoados para que desça não surtem outro efeito que não o de mais acentuar a lógica do louco. Quando se lhe promete um favor, retruca: “– Favor? De baixo para cima?... – veio a resposta, assaz sonora.” (PE, 144). Diz o narrador: “De nada, êsse ineficaz parâparacâparlar, razões de quiquiriqui, a nossa boa verbosia; a não ser a atçar-lhe mais a mioleira, para uma verve endiabrada.” (PE,144). Tendo-se desistido de expor razões, vem a pergunta irônica, que o narrador classifica de pérfida: “Foram às últimas hipóteses?” (PE, 144). Mais à frente, inverte o aforismo latino e dá-lhe uma conotação humorística pelo contexto em que se coloca: “– Minha natureza não pode dar saltos?...” (PE, 146). Como a replicar, também o narrador inverte o dito napoleônico: “Do alto daquela palmeira, um ser, só, nos contemplava.” (PE, 146).

De repente, o louco recobra a razão. “Estava em equilíbrio de razão: isto é, lúcido, nu, pendurado. Pior que lúcido, relucido; com a cabeça comportada. (...) E era o impasse de mágica.” (PE, 148). A situação se afigura trágica: o equilíbrio de razão traz o desequilíbrio físico, o pavor, o impasse: “É que êle estava em si; e pensava. Penava – de vexame e acrofobia. Lá, ínfima, louca, em mar, a multidão: infernal, ululava.” (PE, 148). Inverte-se a situação: à medida que o louco recupera a razão, a multidão que se ajuntara para vê-lo, por sua vez, enlouquece. Homem e multidão estão em posições contrárias: o homem, no alto, a multidão em baixo, no “mundo inferior”, associável às “íntimas partes”, ao inferno. É nesse espaço que a multidão enlouquece: “Portanto, em baixo, alto bramiam. Feros, ferozes. Êle estava são. Vesânicos, queriam linchá-lo”. (PE, 148).

Baixado o louco, ele e a multidão confundem-se, misturam-se, quebram os limites e as diferenças. Como no texto machadiano, não há dife-

renciação: todos se igualam numa postura intermediária. Já não há loucos ou
sãos, habitantes do empíreo ou moradores dos infernos:

Fez-se o monumental desfêcho. Pegaram-no, a ombros,
em esplêndido, levaram-no carregado. Sorria, e, decerto,
alguma coisa ou nenhuma proferia. Ninguém poderia de-
ter ninguém, naquela desordem do povo pelo povo. Tudo
se desmanchou em andamento, espriando-se para trivia-
lidades. Vivera-se o dia. Só restava imudada, irreal, a pal-
meira. (PE, 149).

Guimarães Rosa e Machado de Assis trabalham temáticas seme-
lhantes e têm uma visão crítica do ser humano. Dentro de uma longa tradição
que se estende da Grécia ao século XX, os autores apontam para a duplicidade
e mesmo para a multiplicidade de “eus” que existem sob o ser humano, contra-
pondo-se a uma visão simplista que o considera como algo íntegro e unitário.
Ao desconstruírem essa imagem de integridade, ambos utilizam-se de uma
teoria psicanalítica, ainda que apreendida intuitivamente, e inserem-se dentro
de um processo de modernidade, cuja principal característica é a substituição
do único pelo múltiplo, do centro pelo periférico, do absoluto pelo relativo,
do mesmo pelo outro.

Muito possivelmente Guimarães Rosa leu Machado de Assis. Ape-
sar das várias semelhanças apontadas, ressalta-se a diferença de tratamento
que cada um deu aos temas abordados, o trabalho com a linguagem que, se
em Machado de Assis caracteriza-se pela correção e pela propriedade, em
Guimarães Rosa vai marcar-se pela desconstrução de frases feitas e pelo jogo
dos significantes. A comunidade que se estabelece entre eles deve-se ao hu-
mor, à fina ironia com que lêem o ser humano e o seu mundo. O humor que
empregam não conduz ao riso, mas à reflexão, à revisão de valores, à ruptura
de certezas e de verdades preestabelecidas. Mas, diferentemente de Machado
de Assis, Guimarães Rosa não fecha a questão, colocando-a sob um ponto de
vista moral. Se para Machado não há salvação e somos todos maus por nature-
za ou por interesse, prontos a sermos corrompidos, ou se somos “normais”,
mas de uma normalidade deformada e monstruosa, para Guimarães Rosa osci-
lamos entre os dois estados. Não há uma abordagem ética da loucura, mas a
sua recuperação como um lugar de onde se vê diferente e de onde se pode
quebrar a lógica “burra” de nossa linguagem, de nossos hábitos, de nossos

papéis sociais, de nossa visão espelhada do outro, só o reconhecendo na medida em que reflete nossa própria imagem. Sua concepção da loucura é a de um lugar produtivo, aonde se vai, mas de onde se volta, tal como em "Darandina": o louco se torna lúcido enquanto a multidão enlouquece e os médicos não podem ser tomados como modelos de sanidade. Por fim, louco e multidão irmanam-se e misturam-se, abolindo as fronteiras. A posição de Guimarães Rosa, nesse sentido, coloca-se de acordo com a modernidade que ele soube tão bem exprimir e que se caracteriza exatamente pela pluralidade e pela contínua produção de sentidos, aproveitando o caminho aberto por Machado de Assis.

Abstract: A comparative analysis of Machado de Assis's short stories "O espelho" and "O alienista" and Guimarães Rosa's "O espelho" and "Darandina" comparing and contrasting the use of themes such as the double, the mirror, the relationship between reason and madness, and the social roles and masks assumed by man.

Key words: Mirror, double, reason, madness.

Referências Bibliográficas

- Assis, Machado de. *Obras completas*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1992.
- Barreto, Fausto, LAET, Carlos de. *Antologia nacional*. 8.ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, Paris: Aillaud, Alves e Cia., 1918.
- Gomes, Eugênio. *Machado de Assis; contos*. Rio de Janeiro: Agir, 1977. (Coleção Nossos Clássicos, 70)
- Lemaire, Anika. *Jacques Lacan: uma introdução*. Rio de Janeiro: Campus, 1979.
- Perez, Renard. Perfil de João Guimarães Rosa. In: VVAA. *Em memória de João Guimarães Rosa*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1968.
- Rosa, João Guimarães. *Primeiras histórias*. 3.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1967.